



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

COISAS PEQUENAS SÃO PEQUENAS COISAS

Marcos Roberto Inhauser

A sabedoria popular tem um ditado: “não faça tempestade em copo d’água”. Há um outro que me parece ter sido emprestado da sabedoria chinesa, que diz que “devemos escolher as nossas guerras”. Há algumas coisas na vida que aprendi e que tenho procurado levar a sério, ainda que, vira-e-mexe, tropece.

A primeira é que as coisas não são mais importantes que as pessoas. As coisas quebradas, perdidas, avariadas podem ser trocadas, arrumadas ou substituídas. A ferida feita no outro deixa cicatriz. Brigar por causa de coisas é dizer que a pessoa vale menos que o prato, o vaso ou mesmo o carro que se quebrou, perdeu ou avariou. Feridas nas pessoas não tem funileiro que dê jeito. Mesmo o perdão pode dar uma camada de massa corrida no remendo, mas a cicatriz sempre fica.

A segunda é que nem todo o mundo tem maturidade para ouvir tudo o que se poderia ou deveria dizer a ela. Há gente que é sensível à mais mínima palavra, crítica ou sugestão. Há que se ter sabedoria e critério para saber o que dizer e a quem dizer. Ainda que se tenha a melhor das intenções, a forma de falar ou o conteúdo do que se fala pode machucar.

A terceira é que se deve buscar o melhor momento para se dizer algo a alguém. Entre algo que a pessoa fez e que você não gostou e a sua reação, sempre coloque um travesseiro. Falar “na lata”, no “calor do momento” é colocar mais lenha na fogueira.

A quarta é que palavras como “sempre”, “nunca”, “todas as vezes”, “jamais”, quando usadas em uma comunicação tensionada com outras pessoas, especialmente quando a fala tem um sentido acusativo, é forma de criar mais problema que solução. Se você diz que ela sempre, nunca ou todas as vezes, você não está dando a chance de que alguma vez ela não tenha sido ou que algum dia ela não o seja.

A quinta se refere à avaliação do peso ofensivo das palavras empregadas. Há formas e formas de se dizer a mesma coisa. Uma coisa é dizer “você é burro”, outra é dizer “você não foi inteligente”. Uma é dizer “você é bobo”, outra é “você não foi sábio”. A palavra dura suscita a ira, a palavra branda aplaca o furor, assim ensina o provérbio bíblico.

A sexta é a avaliação do custo/benefício. Em um diálogo tensionado há que se pesar se a tensão vale o benefício que produzirá. Há níveis de tensão que não compensam o grau de benefício que trará. Uma batalha ganha por coisa mínima não vale a úlcera criada por tensões vividas.

A sétima é ter sempre em mente outro provérbio bíblico: a palavra falada é prata, mas o silêncio é ouro. Nem tudo o que se ouve deve ser respondido, porque o silêncio fala mais alto que muitas palavras. Ouvir é mais sábio que falar. E quando falar, não atire pérolas aos porcos. Escolha o que falar, quando falar e para quem falar.

Por último se pergunte: “isto é coisa pequena ou grande. As coisas pequenas são pequenas coisas e certamente não merecem o estresse de uma discussão”.